

DEPOSITO LEGAL

MARIA RITA



SEMANARIO
Direcção Literária de
JOSÉ DE ARTIMANHA
DR. KNOX

MEMORIAL
Director Artístico e Secretário da Redacção
OCTÁVIO SÉRGIO

OCZAVIO
28A 4, III



TOIROS DE MORTE



Não, filho, o trunfo é espadas!...

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.^{da}

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Directores literários: { JOSÉ DE ARTIMANHA
DR. KNOX

Director artístico e secretário da redacção:
Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas	
Ano	45\$00
Semestre	24\$00
Colónias	
Ano	50\$00
Registado	70\$00
Estrangeiro	
Ano	60\$00
Registado	100\$00
Número avulso 1 escudo	
Anúncios: Preços convencionais	

CONCURSO DA MOLHADURA

Formidável certame que a MARIA RITA iniciará já neste número com o gentil concurso da

ADEGA IDEAL DO LAVRADOR

que oferece ela só os seguintes prémios: **Uma pipa do autêntico vinho da Bairrada; um formidável presunto de Lamego; uma pesadíssima arroba de bacalhau; uma arroba de açúcar bem medida.**

Além disso a MARIA RITA distribuirá mais **cinquenta prémios de valor.**

Plano geral dêste concurso

Os prémios dêste concurso são num valor aproximado de 1:500 Escudos, **distribuídos com tóda a certeza**, podendo elevar-se quási indefinidamente desde que os concorrentes o queiram.

Para se concorrer basta fazer-se o seguinte:

O concorrente recortará a senha ao lado e dirige-se a qualquer das **16 adegas** que a Adega Ideal tem abertas no Pôrto, na Foz, em Matozinhos e em Gaia, conforme descrição abaixo. Essa senha ser-lhe trocada por uma outra numerada que dará direito ao sorteio a efectuar pela lotaria de Santo António, em Junho próximo. Por cada senha desta terá ainda direito o concorrente ao abatimento de 50 centavos em cada compra de 5 escudos, o que equivale a dizer-se que: O concorrente lê a MARIA RITA por metade do preço e fica habilitado a todos os prémios. Além de tódas estas vantagens, a MARIA RITA, porá à disposição de todos os portadores de senhas, tantos prémios quantos as centenas da lotaria de Santo António. Cada um dêstes prémios tem o **valor de 10 escudos.**

As senhas respeitantes a êste concurso e correspondentes à semana passada e a esta estão desde hoje em distribuição em todos os estabelecimentos da Adega Ideal do Lavrador.

Concurso da Molhadura

Senha a apresentar em qualquer dos estabelecimentos da ADEGA IDEAL DO LAVRADOR.

Contra a entrega desta senha, o portador receberá uma outra que lhe dará direito ao sorteio.

A Adega Ideal do Lavrador

tem actualmente espalhadas no Pôrto, Foz, Matozinhos e Valadares-Gaia, **16 ADEGAS:**
R. do Bomjardim, 361-364 (Esq. da Trav. de Liceiras), Telef. 5617; R. das Fontainhas, 193-195;
R. de Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Cristóvam), Telef. 5802; R. da Constituição, 1399;
Av. Fernão de Magalhães, 53-55, Telef. 2484; L. Campo Mártires da Pátria, 54-55 (Vulgo Cor-
doaria); L. Maternidade Júlio Denis, 1 e 2 (Vulgo Campo Pequeno); Trav. da Bainharia, 24-26 (Esq. da R. dos Mercadores), Telef. 905; R. Anselmo Braam-
camp, 633; L. de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7; R. Costa Cabral, 524 (Esq. Av. dos Combatentes); R. S. Vitor, 143-A. NA FOZ — R. Senhora da Luz, 238-242,
Telef. 314 — Foz. EM MATOZINHOS — R. Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da Avenida Serpa Pinto, Telef. 275 — Matozinhos. EM VALADARES — R. da
Estação. EM LEÇA PALMEIRA — R. do Castelo, 17 e 19.



Factos e prestações

Crónica anacrónica

A *Voz*, diário lisbonense conservador, encabeçava há dias uma notícia com a seguinte etiqueta:

No Museu das Janelas Verdes

O ilustre crítico sr. Alazard na sua conferência de ante-ontem contestou a sua existência

Não se percebe bem qual a existência que o ilustre crítico contestou: se a do Museu, se a do próprio conferente. Como quer que seja, é preciso ter topête para estabelecer semelhante afirmação, ou melhor, semelhante negativa, visto que é difícil contestar a existência de um homem ou de um edifício quando esse homem se encontra nesse edifício falando para o público.

É certo que houve filósofos gregos que, não confiando nos sentidos, levaram a madureza a ponto de negarem a existência do mundo exterior. Um de eles até se deixou morder por um cão danado, devido a não dispor de meios para saber se aquilo era de facto um cão, e muito menos se estava hidrófobo. Mas Mr. Alazard não é de esses. E a única coisa que podia pôr em dúvida no Museu das Janelas Verdes era a cor das janelas, que tem tanto de verdes como o ditador Hitler de vermelho.

Também o *Jornal de Notícias* nos deu outro dia uma novidade interessante. Foi que, quando o comboio rápido em que viajava o sr. ministro do Interior passou em Oliveira de Azemeis, tomou lugar na carruagem-salão o administrador daquele concelho.

Por aqui se vê quanto tem avançado a ciência aplicada à locomoção. Parte um comboio de Aveiro direito a Espinho por Estarreja e Ovar. Mas se qualquer viajante que nêle transite necessita de passar por uma terra três ou quatro léguas distante da linha, pede ao maquinista que torça caminho um pouco pela direita

e retome os carris privativos um pouco mais adiante.

Por este sistema, ainda havemos de ver o *sud-express* Pôrto-Lisboa receber passageiros na estação de Castelo-Branco ou Alcains...

Quem se desse ao trabalho de coleccionar as *gaffes* da imprensa periódica, arranjaria sem dúvida um grande livro cheio de graça e pitoresco. Ocorrem-me algumas que são, no género, tudo quanto pode haver de melhor. Assim, há anos, um jornal do Pôrto misturou duas notícias: uma referente ao atropelamento de certa mulher do povo por um carro eléctrico; outra, noticiando um baile particular. E saíram trechos como estes: «O vasto salão, a partir das 10 horas da noite, achava-se repleto de pedaços de carne esfacelada e poças de sangue... Na Calçada da Lapa, onde os curiosos se apinhavam em volta do cadáver, dançava com todo o *entrain* a melhor sociedade portuense... O dono da casa, que vestia uma elegante casaca de onde pendia o hábito de Cristo, deitou a fugir, não tendo sido ainda encontrado, a-pesar-de procurado pela policia... O guarda-freio foi de uma gentileza inexcelsível para todos os seus convidados.»

Também *O Primeiro de Janeiro*, há anos, inseria este bocadinho de oiro em correspondência de uma cidade provinciana: «Está entre nós há oito dias o conceituado banqueiro portuense sr. Fulano. A palha tem encarecido.»

E o que dizer, então, da célebre trapalhada tecida certo dia em Lisboa pelo falecido *Diário Ilustrado*? Efectuara-se um casamento da «haute gomme». O noivo era nada menos que conselheiro, e não muito jovem. A noiva, — como tôdas as noivas de que os jornais falam — uma menina gentilíssima, filha de um comendador. Nesse mesmo dia, apareceu roubada uma casa dos arredores da capital. Duas notícias de mão-cheia que, por desgraça, foram lamentavelmente misturadas pelo *Diário*. E saiu isto: «O roubo,

praticado com extraordinária audácia, só pode ter sido perpetrado por um gatuno de profissão. A policia desconfia do nosso ilustre amigo sr. Comendador Sicrano.» E logo depois: «Efectuou-se ontem na igreja das Mercês o auspicioso enlace do sr. Conselheiro Beltrano com a menina Tal, que em seguida à cerimónia partiram para Cintra a passar a lua de mel. O facinora praticou o arrombamento com uma verruma.»

Foi um escândalo, — e um sucesso de gargalhada.

Não se admirem, porém, os meus leitores de que tais coisas sucedam. Só quem um dia, por noite alta, entrou em qualquer redacção pode fazer ideia do que seja aquela lufa-lufa e justificar estas e quejandas descabeçadas. Os jornalistas são homens que trabalham a horas que não foram feitas para o labor intelectual. De antes, ainda havia os padeiros que mourejavam de madrugada. Agora, são eles só. Ordinariamente mal pagos, vêm-se muitos de eles forçados a agenciar noutra profissão um suplemento de honorários que os habilite a sustentarem-se, e aos seus. Quando entram na redacção, já o seu cérebro vai fatigado e pouco disposto a funcionar com a lucidez requerida. Para mais, tudo o que escrevem é feito à pressa, porque o chefe da tipografia, sempre de olhos fitos no relógio, exige sem cessar original. E na própria tipografia o trabalho é feito intensivamente: os correios partem cedo, e o tempo urge. De aí a salgadura ou os deslizos que muitas vezes se nos deparam e contra os quais protestamos com indignação, — nós que levamos tôda a noite de um sono e estamos lendo aquilo, regaladamente, entre o bife e os ovos.

Não deve ser assim. Há que desculpá-los e perdoar-lhes um ou outro disparate, de que os jornais, aliás, não tem privilégio exclusivo. Pois não houve já um ministro que colocou Timor na China?

Marcial JORDÃO.

Céus de Fogo

é um romance forte do Dr. Campos Monteiro (*Filho*).

CÉUS DE FOGO trata do amor entre os selvagens e lê-se de um fôlego.

CÉUS DE FOGO não tem escabrosidades; mas tem verdade e grandeza de descrições.

CÉUS DE FOGO descreve a paisagem da nossa África Oriental, e a sua efabulação obedece à verdade.

CÉUS DE FOGO é escrito por quem viveu anos e anos entre a beleza selvagem que descreve, e tem páginas de maravilhosa contextura.

CÉUS DE FOGO é um romance que fica bem ao lado dos grandes livros de viagens e de amores selvagens.

Preço 10 Escudos

A' venda em tôdas as livrarias e na nossa administração.

No prelo:

ARES DA MINHA SERRA

Novelas de

CAMPOS MONTEIRO

o grande e conceituado escritor nortenho.

ARES DA MINHA SERRA

são novelas transmontanãs que tôda a gente deve ler.

Um ar da minha graça

é este o título do novo livro humorístico do nosso director.

José de Artimanha, o autor do *Tribunal dos Pequenos Delitos*, pôs neste seu novo livro tôda a graça que Deus lhe deu, e por isso o

UM AR DA MINHA GRAÇA

não é um ar apenas: é um livro inteiro cheio dela. Dentro de breves dias aparecerá à venda em tôdas as livrarias o novo livro humorístico de José de Artimanha, que irá de-certo obter um sucesso igual ao seu primeiro.

O preço é o mesmo.

Podem, portanto, fazer os seus pedidos desde já para a nossa administração.

UM AR DA MINHA GRAÇA

Rés-do-chão

Balancete da semana

Abriu guerra de morte a amiga França contra o gostoso vinho português, que leva a gente à bem-aventurança, que dá vigor, e aprumo, e intrepidez. Um jornal de Lisboa, irado e ufano, e num gesto feliz, faz sentir ao governo de Paris que há por lá muito sangue lusitano nos campos em que o exército germano acabou por quebrar fronte e nariz. Nos campos, só? E porque não nas veias de muito adolescente? Os portugueses traçam epopeias, pelejam rude, valorosamente; mas nos lazeres da mavórcia arte dedicam-se a combates mais amenos. Se não desdenham Marte, adoram sobretudo a deusa Vénus. Por isso, é de admirar que o nosso vinho seja assim repellido de esta vez, — êle que tem a maciez de arminho, a doçura, o carinho, dos beijos dum soldado português.

*

Constituiu-se em Lisboa, uma firma — é de ver — comercial, que me parece coisa muito boa e de uma solidez piramidal. São sócios: Joaquim Ferro, António Forte e Belchior Valente. Nem um muro de baluarte, ou mesmo de suporte promete tão esplêndido futuro. Não! Se esta casa quebra, por má sorte, não há nada seguro!

*

Vai fazer-se a Semana de Trás-os-Montes. Acho muito bem. Justo é que a minha terra virgiliana seja cantada emfim como convém. E eu vejo de aqui já o Dr. Pontes, mais a D. Regina Quintanilha, descrevendo a beleza, a maravilha de todo Trás-os-Montes. Simplesmente me faz certo embaraço que seja conferente o director da estância de Melgaço, que é Minho, unicamente. Pedras Salgadas, Sálus e Vidago, estão no seu lugar. Mas em Melgaço é que eu, Senhor, naufrago, sem compreender que venha ali cheirar. Salvo se o novo Código no prelo colocar, por capricho ou por vingança, o distrito de Viana do Castelo entre o de Vila-Real e o de Bragança...

*

Nas eleições do Rio foi eleita uma Dona Carlota, deputada. Veremos ao depois como se ageita quando no Parlamento houver pancada. Notícia um jornal, que votou nela um homem que passava dos noventa. Já viram uma peta como aquela? uma mentira assim, tão corpulenta? Aqui à puridade, com franquezinha franca: votar numa mulher, em tal idade? Só sendo lista branca...

Mariarritadas

Maneiras de estar à mesa

O Manual da Civilidade também já teve a sua época.

Tudo passa neste mundo, porque o mundo não pára de girar. E' por isso talvez que o Manual acima citado está tão fora de moda. A mim, quando era pequeno e tinha quem me desse de comer, obrigavam-me a estar à mesa com tôda a cerimónia, e se abria a bôca era apenas para lá encafuar o bocado que me deitaram no prato. Exigiram de mim a máxima compostura, e caía Tróia e algum sopapo do velhote se me dava a consolação de desapertar o último botão do colete.

Agora, não. Agora, segundo se depreende dos relatos dos jornais, a mesa é o local mais apropriado para se falar alto e bom som, e há meninos que vão para ela sem o casaco nem o colete.

A não ser que seja balela a notícia que no banquete do Palácio, no Domingo último se encontravam nada menos de 600 convivas em mangas de camisa.

E isto foi logo no principio!...

O Gonçalo...

Afinal sempre chegou o Gonçalo. Já se dizia para aí tanta bojarda!...

Mas chegou, e só com um atraso de 10 minutos, o que é nada numa viagem de 300 quilómetros.

Não foi mentira: veio! O que foi mentira, foi dizerem para aí que era um aviso.

O *Gonçalo Velho* afinal não passa de um submarino, porque tôda a gente que o viu entrar pode garantir solenemente que êle entrou no Douro debaixo de água... da chuva.

A vergonha da nossa cara

Lêmos no *Janeiro* de sábado último uma notícia da policia em que um *velho* de 72 anos era acusado de um duplo infanticídio. Quer dizer: tinha cometido nada menos que dois crimes graves nas pessoas de duas menores.

Um velho!... E chamam a isto, um velho! A MARIA RITA, nomei-o desde já camião de fundo, e requer que lhe seja erigida uma estátua ao cimo da Avenida.

72 anos! Dois crimes daquela natureza!... Ou são intrigas lá do bairro, ou o diabo do homem tomou o remédio todo!...

NAS

Galerias Lafayette

— da Rua 31 de Janeiro, 215—PORTO—

todos os artigos
teem um cunho
parisiense incedível

AUX GALERIES LAFAYETTE

TURIDDU.

AS COVAS DA CIDADE

Ou a função da picareta sôbre os pobres leitões das nossas ruas. Buracos por uma pá velha. Levantam-se as pedras das calçadas.

A MARIA RITA como usa óculos de ver ao longe, raras vezes olha para o chão. Até hoje não nos consta que tenha perdido alguma coisa, e é por isso que não desce os maguados olhos até às pedras di a calçada. Mas ontem, não sabemos porquê, entrou-nos em casa toda arreliada.

Julgamos de princípio que tinha sido por causa da coça que a *Montanha* lhe deu. Mas afinal não era porque o articulista não tinha razão no que dizia.

A razão do seu mal-estar filiava-se no facto de ter encontrado coisas no nosso Pôrto de que ela não gosta nada. Mal entrou, disse assim:

— Ai como está o nosso Pôrto!... Nós somos daqueles portuenses que inda temos na lembrança os americanos puxados à sustância da palha, e por isso, todos os dias abrimos a bôca, ao ver surgir um prédio novo, um novo arruamento, um florido jardim, ou um *music-hall* subterrâneo, daqueles onde a música é natural e o ar perfumadíssimo. Por isso recalçitramos imediatamente:

— O Pôrto é a cidade mãe, a cidade que progride, que vive, que trabalha.

— O' menino, está calado. O Pôrto é a cidade das covas... disse a MARIA RITA, e voltou-nos as costas.

Já não tivemos coragem para mais nada. Lá nisso tinha ela razão:

— Vai ver como isso está por aí, e depois diz da tua justiça, — ainda disse já voltada.

Abaixamos a grimpa e resolvemos tirar a limpo o que de verdade havia.

Rua fora:

Chegamos à primeira cova

A primeira cova no Pôrto, é já ali. E' em toda a parte, em qualquer rua, a todas as esquinas. E esta era uma cova enorme, de bôca escancarada, onde trabalhavam pelo menos... dois homens. Abeiramo-nos. O mais velho dos dois, parou de cuspir nas mãos e cumprimentou-nos. Interrogamo-lo, e soube-mos então que era empregado camarário há 35 anos. Na sua vida tinha aberto 1:752 covas e reduzira a pó 312 picaretas. Ali naquele sítio aonde estava agora, já tinha aberto 32 covas fora aquela.

— Olhe, meu senhor, — contava êle. Eu quasi posso dizer que conheço o Pôrto por dentro e por fora. Há ruína então que já tem os intestinos mais baralhados do que um jôgo de dominó.

A' procura de um tesouro

«E se lhe quiser dizer — continuava êle — as razões para que fazemos covas,

não sei bem. Uma vez por outra, ainda metemos um canudo aqui debaixo; mas outras, a maior parte delas, abrimo-las para as tapar outra vez.

«Acho que andamos à procura de um tesouro. Mas que me conste não tem aparecido nada. Eu cá por mim só uma vez é que encontrei uma tesoura, mas estava ferrugenta. Olhe, meu senhor, de princípio, quando começamos com êste jôgo das covinhas, ainda era preciso o engenheiro vir marcar o sítio. Agora não. Agora sai assim na ordem de serviço: *o operário Fulano vai abrir a cova tal número tantos*: e a gente já sabe tudo».

Locais predestinados

— E então há sítios que até já nos causam pena, tantas vezes teem estado com as tripas de fora. A gente chega a ter a impressão de que o saibro, ao ver a picareta, se põe de joelhos a pedir que não continuemos. Por exemplo, ali na Praça da Universidade, entre a casa Cruz & Dias e a caldeirinha da igreja do Carmo, há um lugar que não há nenhum operário da Câmara, ou da C.^a do Gás, ou da Carris ou dos Telefones, ou das Aguas que o não conheça como as suas mãos. Na esquina de Sá da Bandeira e Fernandes Tomaz a mesma coisa. E então há outros desgraçados sítios que já sabem a música de cor.

Buracos que se abrem e fecham por si só e outros que nem à mão de Deus padre

A rua de Santa Catarina, por exemplo: — continuava êle —. Está tão habituada àquilo, que quando o capataz lá chega, basta assobiar, que ela abre logo duas filas de buracos, uma de cada lado; parece uma ama quando vai alimentar o seu bebé. O que ela ainda não aprendeu foi a fechar-se por si própria. A's vezes, fica para ali tempos e tempos esquecida. E no entanto isto deve ser um contrassenso, porque eu ouvi dizer ao maioral, que manda tapar as covas sempre que tem uma aberta... de tempo.

Ouvíamos sorridentes e admirados o velhoté a quem os anos davam experiência. Depois perguntamos:

— E quantas covas calcula Você que há nesta altura na cidade?

Uma cova para cada pessoa

Olhe, meu senhor: ao certo não poderei dizer-lhe, mas tirando aquelas que fazem os da Carris, os do Gás, os dos Telefones, e os das Aguas... nós

somos 2:000 operários... e há pelo menos uma cova para cada um abrir num dia e para fechar daí a oito dias. Além dessas há as covas naturais...

— Naturais?...

— Sim aquelas que fazem os camiões, os carros de bois e os carros funerários.

— Mas dêesses é o modo de vida. Levaram gente para a cova.

— Pois sim; mas às vezes são os cemitérios os únicos sítios do Pôrto aonde não há covas disponíveis.

Dei razão ao homem e despedi-me; e para aproveitar o tempo da conversa, não me fui sem lhe pedir que dependurasse numa das paredes da cova que estava a abrir um reclame à MARIA RITA.

Embora a tapassem, era certo e sabido que daí a 8 dias lá estaria ela novamente aberta, e desta forma já estava o caminho andado.

Ao Tripeiro

Tripeiro:

Ao ler a tua desp'dida
Senti estranho e triste desalento.
Pois que desenganado desta vida,
Te ocultas para sempre num convento.

Neste transe repleto d'amargura
Que foi o fruto do teu desatino.
Te acompanho na tua desventura,
Embora lamentando tal destino.

Olha: O teu desaire é ilusão
Que te enche de cruel melancolia,
E de dor te lacera o coração;

Não ingresses pois no *Ecos de Cacia*,
Que Júlio Dantas te dará a mão
E um lugar terá na Academia.

O comilão das TRIPAS.



Duas anedotas inglesas



Dois casais ingleses, vizinhos, *Mr. e Mrs. Brown*, *Mr. e Mrs. Smith*.

Um dia *Mr. Brown* acorda completamente afônico, devido a uma forte constipação. Consulta sua mulher sobre o que deveria fazer, respondendo-lhe ela:

— Não sei; no entanto aconselho-te a ires procurar o nosso vizinho *Smith*, que há tempos também assim se encontrava, e pergunta-lhe qual o remédio que usou, pois melhorou de um dia para o outro. *Mr. Brown* levanta-se, veste-se e vai a casa do seu vizinho, *Mr. Smith*.

Bate à porta e esta é aberta por *Mrs. Smith*, a quem *Mr. Brown* pergunta, em voz baixa por causa da afonia.

— *Mr. Smith*, está?

Responde *Mrs. Smith*, com igual entoação de voz, mas não por afonia:

— Não está, não; pode entrar ..

Numa igreja protestante, repleta de fiéis, entra um ébrio que se senta num dos bancos, adormecendo de seguida. Acabado o sermão, saem os fiéis e o sacristão, como todos os dias, antes de fechar a porta da igreja, passa revista a ver se na mesma teria ficado qualquer objecto, depara com o ébrio, ainda adormecido, ao comprido do banco. Sacode-o para o acordar e diz-lhe:

— Vamos, saia, já tudo safu e a igreja está vazia.

O ébrio acorda extremunhado, e tomando tento somente na última palavra proferida pelo sacristão, estende a mão, e diz:

— Encha de novo...

Adaptado do inglês por

ALMATEMA.

Nono, não desejarás...

O campónio Zé d'Adiça
Mantém ternas relações
Com a *Joaquina* Nabiça,
Casada com o Bulhões.

Mas da Nabiça o marido
(Não julguem que é algum nabo...)
Há muito que anda perdido
La por casa do diabo.

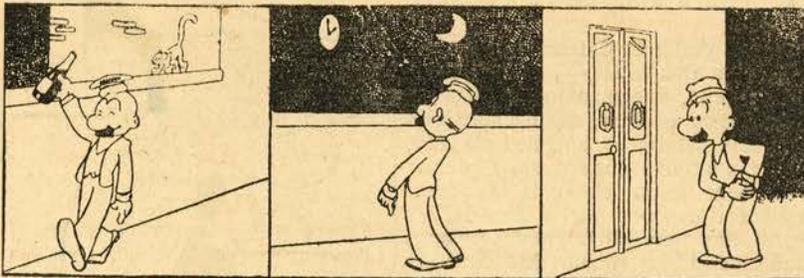
Há dias foi confessar-se
O Zé ao padre da Aldeia,
Que, ao ouvi-lo, sem disfarce,
Fêz uma cara bem feia.

E diz, todo êle a tremer:
— Nunca ouvir *atumiar*
Que do próximo a mulher
E' pecado desejar?!

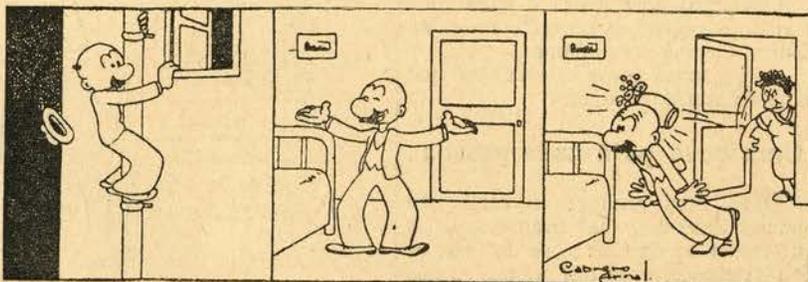
— Meu padre, eu não sou de enganos;
Mas o homem da *Joaquina*
Está há bastantes anos
Muito longe... na Argentina...

BISNAU.

Vai alta a lua...



na mansão da morte...



PÊSSEGOS

Os *pêssegos*, são frutos absolutamente comestíveis. Um *pêssegoinho*, maduro, come-se por vezes com delícia e apetite.

Os *pêssegos* são muito vulgares em Portugal, mas existem em toda a parte, disseminados pelo globo terráqueo.

Encontram-se esplêndidos exemplares no Chiado... na loja de fruta, bem entendido...

Dos *pêssegos* faz-se guloseimas apreciáveis e saborosas, no dizer dos entendidos, que eu francamente, não aprecio muito êsses manjares "*exquises*".

Os *pêssegos* teem no centro, salvo seja, um caroço.

Há quem os coma com caroços e tudo e, também, quem os debulhe e lave muito bem lavadinhos para os papar em seguida.

Praxes, tudo praxes...

Os *pêssegos* se bem que se encontrem, como já disse, disseminados, teem casas próprias onde se vendem: as "*casas de pêssegos*".

Êste fruto, que ao princípio era *baratucho*, foi-se tornando *carote*, e hoje, são por vezes vendidos por preços exagerados.

Há várias castas de *pêssegos*: *carecas* de abrir, *pêssego-maçã* etc., e tal.

Não me ocuparei em explicar-vos as diferenças que existem entre êles. Provem-os, e depois, tirem as conclusões que quiserem. Não há nada como a prática em casos como êste. No entanto, vá lá um pequenino conselho: comecem pelos *pêssegos* de abrir; bem vêem, é meio caminho andado.

E, finalmente, apenas vos direi mais, que os *pêssegos* são muito semelhantes com as *pêssegas*.

Cheguei a uma altura, em que escuso de gastar mais latim. Todos vós sabeis muito bem o que é êste novo fruto, mais saboroso sem dúvida, que o seu irmão *pêssego*.

LÉRIAS.

Os impossíveis deste mundo

- Fazer a cama com um lençol... de água.
- Colhêr no jardim a flor... da idade.
- Serrar madeira com a Serra... da Estrêla.
- Rebocar um navio com um cabo... de esquadra.
- Estudar astronomia no céu... da boca.
- Fotografar com uma máquina... de costura.
- Ver o Sr. Cunha da Raza sem uma flor na lapela.
- Ler a MARIA RITA sem humorismo.
- Ver o Sr. J. Neto sem fumar.
- Ver o Sr. Fraga Lames pentear-se.

Oinotna.

DESCANSO SEMANAL

Curiosidades

De *O Primeiro de Janeiro*, de 18 de Abril, recortamos os seguintes períodos de uma correspondência de Santa Comba Dão.

Em seguida organizou-se o prestito em direcção à Igreja atriz, que ia acompanhado pela filarmónica local, encontrando-se as janelas engalanadas com colgaduras, e donde foram lançadas muitas flores.

Depois das varias cerimónias do ritual, na Igreja atriz, Sua Ex.^{ma} Reverendíssima fez a sua habitual visita ao cemitério, acompanhado por milhares de pessoas, onde discursou sentidamente.

Palavra de honra que já sabíamos da existência de alguns Santos actores; também conhecemos um que é Sacramento. Agora de igrejas atrizes é que é a primeira vez que ouvimos falar! Mas pode ser, pode! Santa Comba Dão é a terra das surpresas...

Do *Jornal de Notícias*, de 3 de Maio corrente:

3-5-933

Cresce hoje mais um milímetros o pequenino dedo maroto do Ex.^{mo} Sr. Fernando José de Meira, funcionario dos mais distintos da Camara Municipal do Porto que esta data se repita tantas vezes quantas Sejam precisas para o pequeno atingir o tamanho dos irmãosinhos, é o que lhe deseja o seu amigo

Masancos.

De onde se prova que a amizade chega até aos dedos mínimos. Só faltou que o sr. Masancos fizesse votos para que os calos não viessem consumir o estimado escremento do sr. Fernando Meira.

Outro recorte também do *Jornal de Notícias*, que, como se prova é o jornal por excelência para os cumprimentos elogiosos.

Parabens

à menina Maria Laura

Mimosa flor fui pela vez primeira desfolha a primeira pétala. Perfumante de beijos e angurante felicidades, teus paes que muito te querem.

Não percebemos lá muito bem. Se a primeira pétala corresponde ao primeiro ano, como é que a aniversariante poderá saber que a cumprimentaram pelo que acaba de fazer? Agora se a pétala se não refere aos anos, achamos muito bem que o cair da fôlha seja perfumante de beijos e angurante de felicidades.

Dos serviços telefónicos e telegráficos do Estado, foi, há pouco tempo ainda, recebido por um amigo nosso

um officio subscriptado nos seguintes termos:

Ao Ex.^{mo}

Proprietario ou Inclino deste predio.

Este *inclino* deve ser uma palavra telegráficamente falando, para levar menos letras.

E agora vamos dar a V. Ex.^a um poema em verso dedicado ao saudável *Ecos de Cacia*, que o nosso amigo Bisnau, distintissimo poeta nos enviou.

CACIANIADAS

POEMA HIPICO

(Excerto)

CANTO PRIMEIRO

I

Os jornais e revistas mais cotados
Que na formosa terra lusitana,
Desde os tempos remotos, atrasados,
Do algarve até p'r'a cima de Viana,
A' luz da imprensa teem sido dados,
Para glória da fina espécie humana,
Nunca, mas nunca, a fama conquistaram
Que os *Ecos de Cacia* argamassaram!

II

E as suas reportagens gloriosas,
Que a nova espécie irão sempre educando;
E as poesias lindas, preciosas,
Que nós, com mui prazer, vamos gramando,
E as mais simples noticias... pavorosas
Que da terra nos dá de vez em quando,
Pois tudo é escrito com ingenho e arte...
...Enquanto um grande raio não os parte!

III

Abaixo do Navarro e do Mariano
Os péssimos artigos que escreveram!
Do Enes, do Sampaio e do... Caitano
A fama, bem injusta, que tiveram!
Esqueçamos o nome de Luciano
E de outros e mais outros que escreveram!
Cesse tudo o que a antiga Imprensa canta,
Por que um... zurro muito alto se alevanta!

IV

E vós, oh Damião, predestinado,
Um defensor em mim tendes, ardente,
Pois ides ver em verso celebrado
Vosso valor e o verbo convincente;
Não usais de borato ou sublimado,
Para andares bem... limpo e bem decente,
Pois vos afirmo em tom o mais solene:
— Vós bem sabeis o que é ter higiene...

VIII

E vós, oh Pér'la, cujo vão critério
Entre os jumentos é sempre o primeiro,
Põe bem a geito e ao léu o hemisfério
Essa parte a que alguns chamam trazeiro,
Por que vai ser bem rijo este cautério,
Qual tenaz posta ao rubro no braseiro;
Ides ver cantar vosso poderio,
Que inté se há de ouvir lá para o Bugio.

XIV

Não deixarão meus versos esquecidos
Aqueles que, bem junto à manjadoura,
Saboreiam os fenos preferidos,
Sem médo da roseta de uma espora,
E, — coitados! — ouvem, embevecidos,
Os parranas discursos do caipora;
Para esses, que inda teem muita sorte,
Vai do meu pei... to um bravo muito forte.

CANTO TERCEIRO

III

Prontos estavam todos escutando
O que o sublime Pér'la contaria
Acêrca dêsse horrível e nefando
Semanário a que chamam a MARIA
RITA, que há muito tempo os vem tostando,
Sem receio, nem dó, com galhardia;
E o Verde, conquistando triste glória,
Lá ia impingindo uma falsa história.

XXXI

Por tôda a vasta terra de Cacia
Se sentia um enorme cheiro a guerra;
Os grandes Damiões, na estrebaria,
Com furor, escarvavam a vil terra;
Mais outros a berrar na padaria,
Como, ao ser farpeado, o toiro berra;
E quem os visse em tão grande clamor,
Sentir devia horrível estertor.

CXX

Estava o Damião pôsto em sossêgo,
Do seu saber colhendo o doce fruto,
E coçando a barriga dum borrego,
Sem se perceber qual o seu intuito,
Quando passa um patricio, um bom patego,
E diz, a-gargalhar: — Que grande bruito!
Mal isto ouviram, logo umas vizinhas
Largaram gargalhadas escarninhas.

CANTO QUARTO

V

Mas Pér'la sentiu-se deshonrado,
E uma lembrança má logo lhe occorre:
Com mau semblante, duro, transtornado,
Do Damião na cola logo corre;
E assim que o apanhou catrafilado,
E o suor pela testa lhes escorre,
Fulo, berra: — Faltaste-me ao respeito
Pois aqui estou de braço... em arma feito!

CANTO DECIMO

CLVI

Minha mente ficando vai obtusa
E está pedindo um bom desinfectante.
Parece que me vai fugindo a musa,
E o melhor é não ir mais para diante...
A própria pena até já se recusa
A escrever neste tom mirabolante...
E diz o Damião, em frase andeja:
— O que o gajo tem é enorme inveja!...

BISNAU

JANTARES EM CAMISA

Inauguração da época de verão—Política debaixo da parreira—O significado do banquete—Figuras—O menu... e o mais que der na bôlha ao jornalista

Os senhores calculam que eu não poderia faltar na reportagem de tão magno assunto qual é o da abertura solene nesta época de verão dos jantarzinhos em manguinhas de camisa...

Estava em Vigo a completar os últimos capítulos da minha estupenda futura obra—*Como eu vi Vigo*, mas não hesitei em regressar inopinadamente no momento mais solene das convicções ajantaradas da fina flor dos antiburgueses por excelência—*marca registada, made in Germany*...

Antes de mais nada devo dizer-lhes que nutro a mais sincera simpatia por tôdas as camisas...

Quem anda à chuva molha-se, e eu sou um franco respeitador das sentenças populares.

Já uma Deusa, que, muito antes de Adolfo Hitler, opinava pelo amor em trajes menores, dizia, em latim, se não estou em erro: *usad mis camisas, muchachos, compañeros de mi vida*...

Os senhores desculpem se este mau latim há de parecer-lhes por aí espanhol, mas eu andei quarenta dias por terras de Espanha e mal sabia já da minha língua quanto mais da dos latinos!

Quando vim do Brasil aconteceu-me a mesma coisa: empregava a torto e a direito termos franceses, coisa que maguou muito a epiderme da sensibilidade de alguns amigos meus. Que faria se em

vez de termos franceses eu empregasse termos... cautérios!

Disse que simpatizava, atrás, com os camisas e é a verdade.

Ao menos são sinceros e mostram-se tal qual são.

Se a Política é a Arte de deixar o povo em camisa, estes senhores ao menos apresentam-se democráticamente e querem para si o que desejam para o Povo.

E' preciso endireitar isto, isso e aquilo

O primeiro camisa... que encontrei foi o meu amigo Lencastre.

Era um gôsto vê-lo de pescoço à banda

e o braço levantado a gritar desalmadamente: *é preciso endireitar isto!*

Os transeúntes olhavam para o Lencastre e concluíam: O rapaz tem realmente razão—é preciso endireitar isto...

Isto, isso, ou aquilo. Não sabe ainda ao certo o que é preciso endireitar...

O Dr. Simeão Pinto de Mesquita

A seguir encontrei o Dr. Simeão Pinto de Mesquita advogado, viticultor e nacionalista convencido.

—Olá, Dr. Então o que há?

—Não há quâsi nada. Como vem aí o verão, a rapaziada resolveu-se finalmente e vá de andar em camisa.

Compreende, meu amigo, os na-

cionalistas organizam-se e defendem-se. Se os republicanos os *mandarem despir* eles teem autoridade para responder: *outros, filhos, outros que nós já estamos.*

—Mas apareça lá por o Palácio—conclue o Dr. Mesquita—se quiser ver e saber... E a acabar de concluir, como diria Calino repórter—Você como es-querdista tem um lugarzinho à direita... para disfarçar.

No Palácio de Cristal

A mesa, em forma de ferradura, como nos grandes banquetes, achava-se polvilhada de farinha de 2.ª. Na presidência Rolão Preto, branco de como-

ção. Foi a primeira vez que o vi desbotar...

Lá na Africa os pretos encavacam em branco...

A secretariar, dos dois lados, oampaio + Além, porque quem vai mais além não pode secretariar só de um lado... E' um velho provérbio grego do tempo de Nero...

A' volta da mesa, indistintamente, rostos juvenis, — *a geunesse doré* cá do burgo, quâsi todos descendentes de honrados retalhistas da nossa praça... Aqui e além, para *disfarçá*, o rosto de um operário...

Branco manso pombos voitam aos pares sob os beirais interiores da nave central...

Errava pelo espaço um perfume

subtil. Elevam-se, aladas, as almas... Nisto veio a sopa. E oh! rapazes, foi um destes atrombares, que nem vocês fazem ideia.

Um orador, com a bôca cheia, explica que bem sabe que é feio comer em manifestação política mas que enfim à mesa é que se vê a criação de cada um.

Há quem fale numa marcha *milanesa* sôbre Lisboa...

Há entusiasmo, vibração, calor.

Nisto veio outro prato e tudo se calou.

E como a seguir vieram muitíssimos mais pratos, nunca mais se soube o que ficou assente na importantíssima reunião.

Octávio SÉRGIO.

O "Menu"

Damos a seguir, por mera curiosidade, o *Menu*:

Sopa de democráticos com livres pensadores em creme.

Cunha Leal à espanhola, com mólho de Banco de Angola.

Bernardino Machado à La Guardia, todo feito em bocadinhos.

Afonso Costa ao natural, com pêra, bigode e tudo. (Para comer à mão, sem cerimonia).

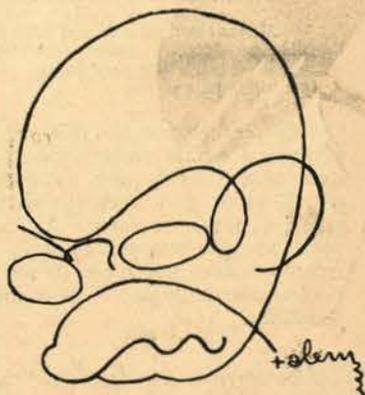
Vinhos variados e frutas.

Não houve queijo, café e cigarros.

COMO O NOSSO CARICATURISTA VIU OS ROSTOS MAIS SALIENTES DA EUROPA



Salazar



B. Carqueja



Hitler



Mussolini

Ao Garibaldi de Esporões

Admirável poeta de Esporões,
Que em versos sonoros tens cantado,
Os feitos deste povo sublimado,
Que sempre tem vivido de ilusões,

Aceita minhas ternas saudações!
Neste soneto mal alinhavado,
Que me deixa o bestunto escangalhado
E o espírito todo em vibrações,

Eu quero demonstrar a todo o mundo
O meu pasmo por teu saber profundo!
Continua poeta nessa esteira,

Prossegue sempre impávido a cantar
Porém segue um conselho salutar...
Deves fazê-lo só... na capoeira!

Rei das MUSAS.

Savoir-vivre:

Sinto em mim um grande gôzo
Tratar bem a bêsta gente!...
Cada burro, é um inocente,
Com burros, sou generoso!...

Quantas vezes ao teimoso
Do audaz bruto demente,
Vou com êle na corrente,
P'ra lhe acalmar o nervoso!...

E se a bêsta mais reponta,
Ponho-lhe a mão pelo pêlo,
D'aquela cabeça tonta!...

Assim é que eu me acautelo,
Evitando a grossa afronta,
De qualquer burro... ou camelo!...

Alfredo Cunha (RAZA).

A MELHOR QUE EU SEI

Anedotas, Epigramas & Calemburgos

No número 54 da MARIA RITA, foi premiada a anedota n.º 238

N.º 244

Entre amigos:

— Tu não saberás de ninguém que esteja desgostoso com o seu automóvel e m'ò queria vender baratinho?

— Sei, homem! Vai procurar o Teixeira. Vendi-lhe o meu ontem mesmo.

Remetente: Respigado.

N.º 245

O professor:

— Luis, quais são os animais que te fornecem o calçado e a carne?

O aluno:

— São os meus pais, senhor professor.

Remetente: Constantino S. Gomes.

N.º 246

Querendo um sujeito montar a cavalo, dizia:

— O' meu Deus, ajudai-me.

— Porém, tendo levantado muito a perna, e caído para o outro lado, exclamou, quando se viu estendendo no chão:

— Assim também foi de mais, meu Senhor!

Remetente: Delfim de Freitas.

N.º 247

Num hotel:

— Os lençóis desta cama não estão lavados.

— Como assim? — respondeu o criado —

Até agora ainda ninguém se queixou, e olhe que tem dormido neles muita gente.

Remetente: Bibi.

N.º 248

Entre dois petizes de 10 anos:

— Sabes quantos filhos tem a minha mãe, a-pesar-de ser tão doente?

— Não, porque nunca os contei.

— Cinco!... E olha que o meu pai, sendo um homem saudável, nunca foi capaz de ter nenhum, mesmo para a ajudar...

Remetente: Xico Braz.

N.º 249

No Far-West:

O índio — Por estas pégadas vejo claramente que passou por aqui um homem loiro, de trinta anos, que ia tocando guitarra.

O vaqueiro — Mas ia a pé ou a cavalo?

O índio — Isso é impossível saber-se.

Remetente: J. S. Costa.

N.º 250

Um regedor de uma aldeia do Douro, leu num jornal que ia haver um eclipse de sol, mandando, por isso, afixar o seguinte aviso:

Eu, regedor da freguesia de... com autorização do Ex.º Sr. Governador Civil, faço saber aos meus paroquianos que amanhã, pelas três horas da tarde, desaparecerá o sol completamente. Faça esta notícia para se tranquilizarem, pois êste fenómeno não é fenómeno, é uma coisa muito vulgar nas grandes cidades.

Remetente: A. B. C.

N.º 251

— Bons dias, Mariquinhas... — diz um fidalgo da aldeia dirigindo-se à filha do ferrador da terra, rapariga formosa, mas muito arisca.

— Bom dia, Sr. Fernandinho!... — responde a rapariga.

— Como estás bonita!...

— Ah, sim!... — diz a rapariga com ar prazenteiro, mas de pé atrás, pois conhecia bem o fidalgo para que se deixasse ir no bote dos seus galanteios.

— Sim. — responde êle com um olhar sedutor e fãscante — Quantos pares de meias solas seriam preciso que eu rompesse, para conquistar o teu amor?!

— O' Sr. Fernandinho! — retorquiu ela com malícia e muito senhora de si — Tantas quantas meu pai possa fazer.

Remetente: Ferralves.

N.º 252

Miquinhas! — diz a mamã — Vá dar um beijo à D. Alzira (a mestra), para se ir deitar.

— Isso é que não dou! — responde a pequena resolutamente.

— Ora essa! Então, porquê? — interrompe a mamã surpreendida.

— Porque ontem à noite o papá também quis dar-lhe um beijo e ela arrumou-lhe uma grande bofetada.

Remetente: Reirobi.

N.º 253

O' Sr. Aarão, dizem que em Portugal trocam os bb pelos vv e vice-versa.

— Esses são os vurus.

Remetente: Guerra Anjos.

N.º 254

Há no Hospital Conde Ferreira um doente que tem a mania de falar para o outro mundo. Há dias apareceu-lhe lá uma senhora nova e viuva de há pouco tempo, que lhe pediu para êle falar para o marido. O doente depois de

muito tempo, diz que não pode ser, pois que já estava farto de falar para tôda a parte e não lhe davam indicações algumas acêrca do cadáver. Só S. Pedro, folheando bem o registo da entrada, verificou que não estava o homem e resolveu ir à secção imediata. Por fim encontra-o e diz:

Esse homem ainda cá não chegou. Está na Serração, pois não cabia nas portas.

A pobre viuva agradece muito reconhecida e lacrimosa sai.

Remetente: Leba.

N.º 255

Um polícia pediu em casamento uma rapariga, mas ela não o quis. Ele então prendeu-a.

— Qual é o crime desta rapariga? — perguntou-lhe o comissário.

— Resistência à autoridade.

Remetente: Zé Barão.

N.º 246

Um sargento encontrou no caminho um seu colega, que lhe apresentou a esposa. O apresentado, olhando para a consorte do amigo e reconhecendo nela um seu antigo namoro, exclamou:

— Nós, afinal, já nos conhecíamos...

Repara, entretanto, numa criança do casal, que o pai conduzia pela mão, pega nela ao colo, faz-lhe uma carícia e diz-lhe:

— Sabe o menino? E' certo que o não é, mas olhe que esteve para ser meu filho...

Remetente: Raspa-te!

N.º 257

Num tribunal:

Entra um individuo a fumar.

Diz o Juiz:

— Quem quiser fumar aqui, vá lá para fora.

Remetente: Crisântemo.

N.º 258

Capitão — O' 23.

Impedido — Pronto, meu capitão:

Capitão — Tenho de sair amanhã às 7 horas; portanto, não vais buscar o almôço à pensão. Faz tu mesmo um pouco de café que eu tomarei antes de partir.

Impedido — Sim, meu capitão.

No dia imediato:

Capitão — O' patife, estás a coar o café por um coturno!

Impedido — Não se incomode meu capitão. O coturno era meu e já estava sujo porque há mais de quinze dias que o trazia calçado.

Remetente: Oiligrio II.

o melhor calçado



O pudor é tudo

A Beatriz Cadaval,
Mocetona sem igual,
De formas esculturais,
Foi um dia contratada
Para, com seu corpo belo,
Ir posar, como modelo,
N'uns quadros monumentais
D'um pintor de nomeada.

Quando ao *studio* chegou
E o pintor lhe acenou
Para as roupinhas tirar,
A Beatriz alarmada,
Nervosa, ruborizada,
Começou a protestar
O seu recato e pudor.

Por fortes bases morais,
Porque deixa e porque leva,
Não podia, não senhor,
Pôr-se assim como a mãe Eva

Em trajos nus, integrais,
Ostentando abertamente
O seu corpo belo e quente,
De contornos divinais.

Mas como êle insistisse
E de manso repetisse
Para ela se despir,
Ela então,
N'um repelão,
Tal como um tiro de peça,
Pôs-se p'ra êle a berrar
N'um grito do seu pudor,
Contra uma tal tirania,
Enquanto a roupa caía:
— Ouça bem, senhor pintor,
P'ra que mais nada me peça!
Vou tôda a roupa tirar,
Se me deixar conservar
O meu chapéu na cabeça!

Dr. KNOX.

Décimas... dentro do praso

Uma grande fífia!

Metido no *cagarrão*,
Acusado de falsário,
'Stá cumprindo o seu fadário
O grande tenor Romão.
Causou grande sensação
— Qual tiro de bacamarte
Saído dum baluarte —
Esta novidade empírica,
Em tôda a família lírica
E nos chiques centros de arte!

Farto do papel ingrato
Que desempenhou na vida,
Pensou em melhor saída
E pôs de parte o recato.
Mas caiu qual carrapato,
Sem apelação nem alças;
Foi um grande par de calças!
Após finas, guturais,
Notas falsas... musicais,
Impingiu... moedas falsas!

BISNAU.

Entre amigas



— Mas a final o teu casamento filia-se
no amor ou no interesse?

— Não sei! Olha que ainda não
pensei nisso...

CORRESPONDENCIA GRAFOLÓGICA

E' tanta a chusma de cartas que em cima das nossas amplas mesas da redacção tem chovido (mesas estilo Império com muitos retorcidos — as mesas, é claro — e onde também tem chovido algumas pingas de um buraco do telhado que o senhorio não há maneira de mandar tapar) que nem sabemos por onde começar os nossos exames. Assim, de olhos fechados, tiramos uma à sorte:

C. Moreno? Ruço? — Assim, com uma carta tão longa, o que tem a fazer para a outra vez é escrever em cima de uma nota de cem pahlacos.

Já o esperava, meu amigo. Vê-se logo pela forma como venceu a palavra frio que o senhor é uma pessoa de temperamento quente. Bem quente, por sinal. E para o quê, é favor experimentar com um termómetro. E' pô-lo debaixo da língua e verá como êle se derrete logo como se fôsse um rebaçado de frutas. Tal qual como o senhor se costuma derreter diante das raparigas bonitas. Quem é que adivinhou? Quem foi? Pois se as há por aí com peles tão bonitas!...

A. Paz dos Reis — O seu nome, meu caro amigo, é aquilo que agora menos há por essa Europa fora. Bravo! Não o esperava assim tão estroina! A sua letra, tremidinha, aos rabiosques, com muitos pontinhos e muitas cedilhinhas (olhe que sabão não se escreve com ç!) diz-me logo que me acho em presença de um grande amador das belas artes, belo sexo e do mais belo ainda jôgo do azar. Tenha paciência! Ora para que lhe havia de dar! Ai se a sua mulher sabia! Ia o Porto todo raso! Não se meta noutra! Para sementes, devem-lhe bastar umas que se vendiam na Praça da Liberdade, à direita quem olha para as traseiras do cavalo.

Dr. OX.

Posta restante

J. A. Pereira da Costa — Mande sempre. A MARIA RITA é de todos.

Barecas — As anedotas são boas. O que é pena é o nosso amigo não escrever só de um lado do papel. Isto dá um trabalhão dos demónios. Vamos a ver, no entanto se se lhe dá um geito.

Lérias — Parabéns. Diga como quer que façamos a remessa.

António Rolando Pereira — Cá estamos às ordens. Propague a nossa MARIA.

Pirugalo 1.º — Temos muita pena mas as quadras estão imperfeitas. Veja se consegue metrificicar melhor, e mande.

A Estante da MARIA RITA

Almanaque Ilustrado
de «O Comércio»

Editado pela Empresa de *O Comércio*, de que é proprietário o sr. João Silva, recebemos o primeiro número dêste almanaque, correspondente ao ano de 1933.

São duzentas páginas, com indicações muitissimos úteis a todos, com muitas ilustrações de artistas do nosso teatro, e com variadíssima colaboração literária.

A sua distribuição que é gratuita, tende a alargar o mais possível a expansão dos anúncios nêle insertos, o que torna extraordinariamente compensador para quem anuncia.



A PENSAR MORREU UM BURRO

ÓRGÃO IMPRESCINDÍVEL AO BOM FUNCIONAMENTO DO PENSAMENTO NACIONAL

CHARADAS, ENIGMAS E PREGUNTAS SOFISMÁTICAS

1 ANO—N.º 8

DIRECTOR: ZÉ CAGANCHO • REDACTOR: REI DAS MUSAS

13 DE MAIO DE 1933

Decifrações do n.º 6—1) Corda, 2) Cão-pião, 3) Carrolina, 4) O pó tem o acento no O e a mulher tem o O no assento, 5) Pardacentos, 6) Chocolate, 7) Cravoaria, 8) Cãodanado, 9) Estátula, 10) Cãopião, 11) Damião, 12) Gaibota, 13) Sufia, 14) Pinçamento, 15) Avolina, 16) Vila Nova de Gaia, 17) Patelas, patas, 18) Quem canta, seu mal espanta.

Decifradores—Horaciano, 17; Gilvaz, 16; Reiobi, 16; Rei do Orco, 16; Sepol, 16; Pilatus, 15; Só Darco, 15; Feirante, 15; Seria, 15; Amarantino, 14; Zé Barão, 14; Tripeiro, 14; Ohnidog, 13; Lérias, 13; Busina, 13; Rutra Luar, 11; O que não faz a barba, 11; Monteiro II, 10; Fantasma Negro, 10; Francisco José Rodrigues, 10; Pedro de Bourbon, 9; A. Ventura, 9; Gravura à mão, 8.



Enigmas em verso

(1)
Começa p'la letra C,
E termina, palavrinha,
Na letra O. Como vê,
E' bem fácil a adivinha.

De letras número total,
E' escusado dizer;
Só o informo, que afinal,
Sem êl' não pode viver.

Mais lhe digo, p'ra acabar,
Há muita gente, leitor,
Que o costuma colocar,
No ôlho... sem desprimor!

Lérias.



Charadas em verso

(2)
Um fulano que não *nota*—1
Que possui qualquer defeito,
Na vida dá sempre bota,
Julgando tirar *provetto*.—2

O tempo passa a fossar,
Como *porco*, vil abjecto,—1
E por fim vem a acabar
Qual miserável *insecto*.

Busina.

(3)
E' *tempero* que dá gosto—1
Ao *feijão* (não carraputo) 2
Gosta dêle *homem grosseiro*,
Que vive por entre o mato.

Rei do Orco.



Pergunta sofismática

(4)
Quando é que um frade mais se constipa?

Rei do Orco.

Enigma figurado

(5)

R	I	O
S	S	S
S	S	S
S	S	S
S		
	P	
A	Ç	A

Olegna.



Novíssimas

(6)
Mesmo que te *ofereça*, *colocas-te* em *seguida*, em má situação.—1, 1.

Lérias.

(7)
Ceguei, apoiado com tôda a *sole-nidade* no meu *bastão*.—1, 2.

Lérias.



Enigmas tipográficos

(8)
K 6 D NOTA

Busina.

(9)
ANUS

Sepol.



Sincopadas

(10)
3—A *ave* tem um *sinal* na ca-beça.—2.

Busina.

(11)
3—Dentro do *pote* ninguém *dança*.—2.

Bisnau.



Maçada geográfica

(A' illustre confrade Serigaita retribuindo)

(12)
Formar o nome duma terra portu-guesa com as letras da seguinte frase:

SEPOL AGRADECIDO

Sepol.

Provérbio a adivinhar

(Ao inclito poeta Olegna)

(13)
O Jeremias Gaspar
Que do Brasil regressou,
Montou logo que chegou,
Uma tasca em Gondomar.

Começou logo a ganhar,
Dinheiro que amealhou,
Seu negócio reforçou
Trabalhando sem cessar.

A labuta era tamanha,
Que em suores êle se banha!
Desgraçado, não se agüenta!

Gaspar amigo cuidado!
Deve lembrar-te o ditado:

.....

Serigaita.



Atenção!!!

Mais prémios!—MARIA RITA que é uma raparigaça às direitas, exigiu, com aquela autoridade que é o apañágio das mulheres que são o ornamento transcendental dos povos que caminham na vanguarda do progresso, uma reunião extraordinária, e, em voz pausada disse:

«Meus *piquenos*; é absolutamente indispensável que a Secção *A pensar morreu um burro*, seja acarinhada com aquele amor que só as mulheres da minha tempera sabem prodigalizar aos seus rebentos; nesta ordem de ideias, desejo que os autores sejam premiados!»

Ergueu-se impávida e serena, cumprimentou os presentes e ausentes e foi avistar-se com a menina da Avenida que ultimamente se tem dedicado aos *semi-cípios* ao ar livre, a conselho do Dr. Amílcar de Sousa.

Como os desejos da MARIA RITA são ordens que fielmente cumprimos, resolvemos, para já, abrir um concurso para o melhor enigma em verso, que nos fôr enviado até ao dia 30 do corrente.

O prémio será o livro do Dr. Knox—*Céus de Fogo*.

Haverá um júri constituído por mentalidades em destaque no meu enigmático, *sofismático* e *caciânico*, para a respectiva classificação.

Avante, pois, conspícuos enigmistas!!!

N. B.—No próximo número diremos qual o feliz, a quem coube o prémio da pergunta sofismática.

Quem é?

O nome dêste escritor
Que hoje vou apresentar,
E' igual ao dum senhor
Um toureiro de espantar.

O apelido é um rio
Lá dessas terras de fora,
Francamente, até me rio,
Se não acertam agora.

Faz crónicas acertadas
Na grande MARIA RITA.
E tem leitores às carradas.
Já mataram? Não é fita.

PIRILAU.

Decifrações do número anterior — *Quem é?*
Elisa Carreira.

Matadores: R. Luar, Reirobi, A. Ventura,
Delfim de Freitas, Horaciano, Francisco José
Rodrigues, Rei do Orco.

CONCURSO DA ASSINATURA

Antes de mais nada devemos dizer que este concurso deve dar lucro a todos, mas à MARIA RITA principalmente, porque ela, além do seu interesse material procura sobretudo a sua máxima expansão. E por isso o

Concurso da assinatura,

visa principalmente êsse ponto. Nós vamos ver se desta forma conseguiremos fazer algumas séries de 100 assinaturas cada uma.

Por cada série distribuiremos a importância de mil escudos.

Não é sonho. E' realidade.

Mil escudos em notas do Banco de Portugal e divididos em 40 prémios de 25\$00 esc. cada.

E é simples. Resume-se nisto:

Todo aquele, nosso assinante ou não, que nos remeta uma assinatura nova (semestral) (24\$00 esc.), receberá, depois de liquidada, uma senha que dá direito a 50 números duma próxima loteria. Igualmente ao novo assinante será enviada outra senha que também dará direito a outros 50 números.

Se a assinatura nos vier directamente, sem intermediários, o novo assinante terá direito a uma senha com 100 números.

Uma vez fechada a primeira série de 100 assinaturas, será marcada por meio do nosso jornal a primeira loteria, pela qual serão sorteados os 40 prémios de 25\$00 esc. cada.

Desta forma, sem que ninguém perca nada, visto que a MARIA RITA vale sempre o dinheiro da assinatura, serão dadas em cada 100, nada menos do que 42 assinaturas grátis.

E vamos lá a isto que já começou e é bem rendoso.

Mil escudos de prémios

DO ESTRANGEIRO

Um baile em Las Cabañas

UMA SESSÃO DE PSICOLOGIA EXPERIMENTAL

Las Cabañas é um sítio pitoresco, a 10 minutos da cidade, onde as rapazas alegres se dão *rendez-vous* dançando ao som de uma orquestra, *tangos, fox-trots e passedobles*.

Trata-se de um vasto recinto ajardinado, aqui e além povoado de *cabanas*, onde *uno a trôco de 80 cêntimos puede tomar un vaso de cerveza, hasta coger una merluza de gran pescao...*

Advirto os leitores que *coger una merluza* é o mesmo que apanhar uma carraspana.

Pois eu e *Repórter X*, excelente camarada e amigo, fomos-nos de longada até *Las Cabañas*, por uma tarde domingueira, *aborrida e triste* como tôdas as tardes de todos os domingos de todos os calendários, para espalhar *la nostalgia* que já nos invadira um tanto.

No *guichet*, deixamos 5\$20 vernaculamente traduzidos em *pesetas*, como *ricuerdo...* e para que nos deixassem passar *todavía...*

A propósito de *todavía*, devo dizer aos meus excelentes leitores que este termo — *todavía* — é uma espécie de *laissez passer* aqui em Espanha.

Um português pode não saber falar espanhol, mas, se tiver a lata bastante para falar português pelos cotovelos, com tanto que empregue de cinco em cinco minutos, a propósito e a despropósito, um *todavía, habla castellano y de lo mejor*.

Talvez por isso um compatriota nosso fêz sucesso ao entrar na sala de jantar do *Hotel Moderno* com um — *buenas tardes todavía!*

Todos o compreenderam, e tanto que as gargalhadas ecoaram estridentemente...

Desde luego, volveremos a Las Cabañas.

A frequência de *Las Cabañas* é vária e numerosa.

Abundam aí, porém, as *modistillas* e *unas quantas chicas mui próprias para el intercâmbio linguístico*.

Pescadas duas *merluzas* pequenas, eu e *Repórter X*, apertamos os casacos, não por precaução, mas por *politesse*, e dirigimo-nos a duas *modistillas, guapas, guapíssimas...*

E os dois, ao mesmo tempo, em atitude estilo império, inquirimos: *ustedes bailam?*

Ambas as *chicas*, desconfiadas com a invasão lusa, disseram a um tempo:

— *No, señor, no bailamos todavía.*
Nesta altura eu tive, desculpem-me a imodéstia, uma ideia genial e entrei desta arte:

— *Nosotros tampoco bailamos...*
Expliquei-lhes depois no meu *castellano* de puríssimo sangue, que eu e o meu companheiro, sendo jornalistas de grande vulto, nos dedicávamos a estudos de psicologia experimental. Estávamos precisamente sentados num banco a falar da imbecilidade da dança quando deramos com as duas *senhoristas* tão *guapas*. A mim, psicólogo de primeira grandeza, pareceram-me inteligentes e apostei ali com o Reinaldo que as duas *chicas* em questão não dançariam com certeza...

Dai, a experiência.

E as duas môças, para parecerem inteligentes aos olhos de tão importantes psicólogos ficaram tôda a tarde sentadas no banco, recusando todos os convites à valsa...

E' verdade que, eu e o Reinaldo, por decoro, *tampoco* dançamos; mas rebuscando uns resíduos de *pesetas* demos entradas em outra *cabaña* com as rédes armadas *pa pescá otra merluza...*

Octávio SÉRGIO.



MARIA RITA

Desde este número em diante o nosso jornal conta com um novo director:

DR. KNOX

que é já um nome conhecido dos nossos leitores, e desde há pouco se tornou um conhecido nome das nossas letras pátrias.

MARIA RITA ufana-se de o saber na sua «cabeça» d'ora-avante, e faz votos para que sob a sua direcção se encontre muito tempo.

Para Pintar Use aredes

MURALINE

RUA DO ALMADA, 30-1.º — Tel. 2571

uma tinta que se

prepara em 10 minutos
seca em 10 horas
dura 10 anos

Aquilo que nós sabemos

Grande Concurso Poético da MARIA RITA

Para a quadra que estava feita na nossa redacção e que era do teor seguinte:

*Pedi a Deus que me desse
Mais espaço no jornal
Para que assim não tivesse
De rasgar original,*

recebemos as seguintes quadras:

*Pedi a Deus que me desse
Uma mulher bonitinha,
E que dinheiro tivesse
P'ra tentar a vidinha.*

Ferrabraz.

*Pedi a Deus que me desse,
Um chapéu de palhinhas
Para pôr quando quisesse
Na tolinha do Nequinhos.*

Asobrab Rutra.

*Pedi a Deus que me desse
Saúde e pouco trabalhinho,
Para que eu melhor pudesse
Pensar no meu amorzinho.*

R. L.

*Pedi a Deus que me desse
Um namorisco atrevido,
E que êle me fizesse
O que eu trago no sentido.*

Rutra Luar.

*Pedi a Deus que me desse,
As asas dum avião,
P'ra fugir quando eu quisesse
Aos credores que tantos são!*

Rei Fera.

*Pedi a Deus que me desse
Muitas mulheres duma vez
E depois, se me parecesse,
De tôdas escolher só três.*

Lilás.

*Pedi a Deus que me desse
Muita força e valentia,
P'ra fazer o que quisesse
Co'a filha da minha tia.*

Mavorte.

*Pedi a Deus que me desse
Farturinha de dinheiro.
Só assim talvez pudesse
Deixar de ser caloteiro.*

X Y Z.

*Pedi a Deus que me desse
Munto brêbe à bida o fim,
Pra c'a «Rita» não fazêsse
Mais inlogios a mim.*

(Cacia).

D. A. Mião.

*Pedi a Deus que me desse
Uma saca de roião,
P'ra qu'eu a mandar pudesse
De presente ao Damião.*

(Cezar).

Ferralves.

*Pedi a Deus que me desse,
Uma mulher mui catita,
Embora não excedesse,
A linda MARIA RITA!*

Serigaita.

*Pedi a Deus que me desse
Umhas asas p'ra voar
P'ra quando m'apetecesse
Longe da sogra morar.*

Lizé.

*Pedi a Deus que me desse
Aquilo que carecia
Que tôda a gente conhece
O Pão Nosso de cada dia.*

Emissi.

*Pedi a Deus que me desse
Mulher feia com patelas,
P'rás estafar s'eu quisesse
Com outras muito mais belas.*

Horácio Ferreira.

*Pedi a Deus que me desse
Paciência — e não m'ouviu —
P'ra qu'eu aturar pudesse
A mulher que me «impingiu».*

Piboá.

*Pedi a Deus que me desse,
O prazer que ninguém logra.
De que c'um sópro fizesse,
Em cinzas a minha sogra.*

Serrano.

*Pedi a Deus que me desse
O poder de adivinhar.
Para que assim eu pudesse
Os trinta'escudos ganhar.*

Galeno.

*Pedi a Deus que me desse
Uma mulher sem agraços
P'ra que na cama pudesse
S'tar a dormir sem cuidados.*

T.

*Pedi a Deus que me desse
Uma mulher ideal
Fôsse rica e não sofresse
De desarranjo mental.*

Tobias

*Pedi a Deus que me desse
Paciência p'ra te aturar,
Se eu um dia tivesse
A desventura de casar.*

Zagail.

*Pedi a Deus que me desse
Pão, p'rós filhos sustentar.
Mas antes êle se lembrasse
De para a sua beira os levar.*

(Barreiros).

Rutra Luar.

*Pedi a Deus que me desse
Um chapéu como o do Lemos;
P'ra fazer quando eu quisesse
Aquilo que nós sabemos...*

(Aveiro).

Olegna.

*Pedi a Deus que me desse
Alguma sorte no mundo.
E Deus que ouviu minha prece
Deu-me o teu amor profundo.*

E. S.

*Pedi a Deus que me desse
Paciência p'ra suportar
Minha sogra, que padece
Da mania de ralhar.*

Sonata.

*Pedi a Deus que me desse
Ciência, honra, virtude
E assim que isto tivesse,
Longa vidinha e saúde.*

Zangorlipanfás.

*Pedi a Deus que me desse
Um lindo sonho de amor;
Não ouviu a minha prece!...
Serei pecador, Senhor?*

Reisito.

*Pedi a Deus que me desse
A musa que me inspirasse,
P'ra que aos pobres dar pudesse
Os prémios que eu ganhasse.*

Tónio.

*Pedi a Deus que me desse
O teu amor, feiticeira.
Deus não ouviu essa prece
Nem permitiu tal asneira.*

(Lisboa).

Elmano Siamor.

*Pedi a Deus que me desse
Olhos negros como os teus...
Deixa-me estar nesta prece,
Não queiras fugir dos meus...*

(Barcelos).

Pedro de Bourbon.

E agora toca a glosar esta:

.....
Deu um grito pequentino
.....

N. B. — E' necessário fazer o 1.º, o 2.º e o 4.º versos.

*Não houve nenhuma quadra aproximada.
O 2.º prémio de 20 escudos foi atribuído
a Rei Fera.*



Laminas RITZ

*De todas a melhor, especial
para barbas duras, todas
as boas casas a vendem a
1 escudo, dep. 162, 3.º Ar.
dos Aliados, Telef. 4650*



PRIMEIRA PEÇA DO CONCURSO

Comida que chega para dois chega para três

Comédia em um acto e um... desacato!

PERSONAGENS { José Maria, que bem podia ser só — Maria!...
 Maria José, que não perderia nada se se chama-se apenas — José
 Um amigo da mulher, que podia chamar-se o amigo Salvador

A cena passa-se numa cozinha vulgar. E mais vulgar é, já hoje, o que na mesma se vai passar.

CENA I

(José Maria, só)

JOSÉ MARIA *(cantando, ao mesmo tempo que depena um frango):*

Triste viver o dum homem
 Com a mulher, hoje em dia,
 Mil trabalhos o consomem:
 Tudo lhe causa arrelia.

(Choroso:)

Ai, as penas que eu padeço
 São mais do que as dêste frango.
 Torno-me velho, emagreceo
 Com todo êste trango-mango.

(Fazendo-se forte e metendo com fúria a faca da cozinha na pobre ave de capoeira:)

Mas isto vai acabar.
 Há de haver hoje que ver,
 Se a minha mulher tardar
 A' horinha de comer.

 Agora, como é votante,
 Não sai da rua, a vaidosa;
 Fêz-se dama extravagante
 E o marido é que é a... esposa!

(Suspirando:)

Eu varro a casa, eu esfrego;
 Tenho a roupa p'ra lavar;
 Só não tenho, — não o nego —
 Os filhos, por não... calhar!

(Nesta altura entra a mulher — e melhor fôra que tivesse entrado a polícia.)

CENA II

(José Maria e Maria José)

MARIA JOSÉ *(com ar severo):*

O' meu pedaço de burro,
 Filho de... não sei de quê!
 Está a cheirar-me a esturro...

(Destapando a panela da sopa, de onde sai um penetrante cheiro a bispo:)

Vê o que fizeste, vê!

JOSÉ MARIA *(tremendo como um pudim gelado):*

O' menina, isto acontece...

MARIA JOSÉ *(estendendo as garras:)*

Cala-te, grande velhaco!
 Não sei o que me apetece...

(Pegando numa vassoura, principia a malhar com ela nas costas do marido, como em centeio verde:)

Pega lá, para tabaco!

JOSÉ MARIA *(com as mãos na cabeça):*

O' da guarda, quem me acode!

(Aqui entra em cena o amigo da mulher, que tinha chegado com ela para jantar, e que estava a pentear... macacos no quarto da supracitada.)

CENA III

(Os mesmos e o amigo da mulher)

O AMIGO DA MULHER *(entrando, conciliador):*

Então, filhinha, que é isso?
 Olha que até morrer pode
 E arranja um bom serviço!

JOSÉ MARIA *(ofendido e desconfiado):*

Que tem?... O senhor quem é,
 Que se vem aqui meter?
 Se ela assim me bate... o pé,
 Deixá-lo: é minha mulher.

MARIA JOSÉ *(deitando fumo pelos olhos):*

Cala-te, aí malandrão
 Agradece a êste amigo,
 Que estimo do coração,
 Não ter's ficado num figo.

(Sai, dando o braço ao seu amigo, e, da porta, ordena:)

Põe já na mesa o jantar,
 Anda, grande calaceiro!...

(Mudando de tom:)

E o que tens para nos dar?

JOSÉ MARIA *(de orelha murcha e respondendo sem intenção):*

Um assado de carneiro!

O pano dá de si e cai rapidamente, para encobrir misérias.

Adriano X. NEL.

CARTAZ DE HOJE

Sá da Bandeira: A encantadora peça *Fascinação*.

Rivolt: A super-produção *Mater dolorosa*.

Olimpia: Os filmes *O tigre* e *A menina do harmonio*.

Trindade: A cine-opereta *A filha do regimento*.

Batalha: O filme em episódios *O mistério do avião correio*.

SÓ

ESC. 1

GENUÍNO...

POR UM AUTÊNTICO

ATWATER KENT

PADRÃO-OIRO DO RADIO



- MODELO 155 -

SUPERHETERODINO
5 VÁLVULAS

ELECTRONIA, L^{DA}

Praca da Batalha, 119.

Telef. 5800 - PÔRTO